

É difícil entender a ausência de uma estratégia 1

Portugal esqueceu o mar e as suas riquezas



Com a 11ª maior área mundial de águas jurisdicionais, Portugal continua de costas voltada para o mar. A exploração dos recursos marítimos portugueses pode ser uma forma de saída para a crise económica que o País atravessa.

Em tempo de “vacas magras”, o Governo socialista continua a desperdiçar uma das principais riquezas portuguesas: a exploração marítima. O próprio Presidente da República, Cavaco Silva, já disse claramente que “o mar deve tornar-se uma verdadeira prioridade da agenda nacional”.

Numa alusão directa à falta de uma estratégia nacional de aproveitamento económico das potencialidades marítimas, Cavaco Silva referiu que “um país que não consegue explorar sustentavelmente os seus recursos naturais é um país que tem um futuro limitado e que se arrisca a acabar por ver esses recursos serem explorados por terceiros. Acontece que é bem nítida a deficiente exploração económica que faze-

mos deste valioso recurso que é o mar, pelo menos quando nos deparamos com os demais países costeiros”.

Dando voz aos vários apelos que têm sido realizados pelos especialistas, o Presidente da República defende a necessidade de se abrirem “rumos que permitam a exploração cabal dos recursos marítimos, e que isso só será possível através de políticas públicas destinadas a fomentar o investimento privado nos sectores marítimos”.

Mas, mesmo assim, o Governo de José Sócrates continua a desbaratar este potencial que, defendem os economistas, poderiam contribuir para a construção de uma economia marítima próspera ao serviço da qualidade

de vida e do bem-estar social e respeitando o ambiente, através de uma coordenação eficiente.

Na perspectiva de vários responsáveis do sector, a Estratégia Nacional para os Oceanos deveria edificar um sistema de forças capaz de garantir a segurança e a defesa dos interesses nacionais do Mar; gerir os recursos vivos através de uma política de pescas sustentáveis e do desenvolvimento da aquacultura; e criar um cluster – sinergias agregadas de vários agentes económicos de vários sectores ou grupos – integrante de todas as actividades dos Oceanos, sendo que, de entre estas, o sector do turismo deverá merecer particular atenção.

Todos são unânimes em considerar que existe uma grande

cional de aproveitamento dos recursos marítimos



à frente de países como a Índia e a China, não tenha desenvolvido uma estratégia nacional de aproveitamento dos recursos marítimos.

Dimensão económica

Economistas, oficiais da marinha mercante e de guerra e mesmo políticos, excepto o Governo, salientam que a economia marítima portuguesa é uma área de grande potencial que carece de um aproveitamento adequado. Contudo, falta uma definição de uma estratégia que "mobilize os vários actores públicos e privados, nacionais e internacionais, em torno de um projecto coerente e adequado para a rentabilização económica dos recursos que advém da localização quase insular de Portugal, da sua costa e, sobretudo, da sua Zona Económica Exclusiva (ZEE)".

O contra-almirante Reinaldo Silva e Castro, numa alocução feita no decorrer das Jornadas do Mar, salientou: "dispomos de uma das maiores Zonas Económicas Exclusivas da Europa, de um património oceânico que é único e de recursos geológicos, minerais, biotecnológicos e energéticos muito relevantes. Mas a verdade é que não só o nosso património ligado ao mar se encontra sub-aproveitado, como a própria ligação dos Portugueses ao mar se caracteriza por um certo alheamento".

O cluster que representa a economia do mar em Portugal tem sido subaproveitado, acusam. Para comprovar tal afirmação basta olhar para os sectores envolvidos neste e ver-se-á que nenhum deles veio trazer vantagem competitiva à economia portuguesa. De entre a pesca, o transporte marítimo, a actividade portuária, a indústria naval, o turismo, as energias renováveis, a ciência, tecnologia e inovação, a biotecnologia e a exploração de recursos vivos ou não vivos, apenas o turismo e recreio náuticos tem apresentado crescimento, revelam.

Ainda, recentemente, a Sociedade de Avaliação Estratégica e Risco (SaeR), com o apoio da Associação Comercial de Lisboa, desenvolveu um estudo precisamente sobre a quase inexpressiva dimensão económica do mar português, intitulado "Hypercluster da Economia do Mar". No estudo, o economista José Poças Esteves, um dos responsáveis pela investigação, afirma que, de facto, "o valor económico das actividades ligadas ao mar representa, actualmente, um valor muito pequeno do PIB e do Emprego portugueses, dois por cento e 70 mil pessoas, respecti-

vamente, em termos directos. Se considerarmos os efeitos totais, directos e indirectos, o valor total daquela contribuição deverá ser de cerca de cinco a seis por cento do PIB".

Os responsáveis pelo estudo apresentaram propostas concretas, baseadas na ideia da "hyperclusterização" do mar português, apontam para um impacto de "cerca de quatro a cinco por cento do PIB e, no conjunto englobando os efeitos indirectos, cerca de 10 a 12 por cento do PIB português. Isto significaria duplicar o peso actual na economia portuguesa. Se juntarmos a este segmento da economia o Turismo, poderemos estar seguramente a falar de mais de 25 por cento ou mesmo 30 por cento da

economia portuguesa no final do primeiro quartel do século XXI", adiantam.

Investigação

Todavia, do ponto de vista de vários especialistas, para que isso seja uma realidade, é necessário dar primazia à investigação e formação como forma de rentabilização de um recurso expressivo mas escasso, abarcando, por isso, quer a preservação quer o estudo de formas de exploração marinha sustentáveis.

Aliás, o próprio Governo reconhece, na Estratégia Nacional para o Mar, que "só através de uma aposta coerente e sustentada na investigação científica e no desenvolvimento de novas tecnologias aplicadas ao oceano e

às zonas costeiras é possível criar uma base sólida para as decisões de governação, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável e de gestão integrada".

A assumpção de um padrão de exigência elevado no campo científico-tecnológico significaria para Portugal chegar a um lugar de destaque internacional. A ligação entre a situação geográfica de Portugal, com um lugar de charneira no desenvolvimento da ciência e tecnologia ligadas ao mar, seriam o ponto óptimo numa estratégia marítima nacional.

Por outro lado, os cientistas recordam que as previsões para o consumo de energia indicam que nas próximas décadas irá ocorrer um grande aumento de gasto. Como tal, é urgente - consideram - a utilização e desenvolvimento de energias alternativas, "energias não poluentes e renováveis, pois os métodos tradicionais para obtenção de energia estão a contribuir para sérios problemas ambientais. As necessidades crescentes de energia podem ter resposta com os oceanos, pois contêm o maior de todos os recursos naturais, tendo por isso, um grande potencial energético".

Segundo os especialistas, a energia contida nos oceanos pode ter diferentes origens, das quais as mais importantes são: a energia das marés, que resulta da interacção dos campos gravitacionais da Lua e do Sol; a energia das correntes marítimas, que se deve aos gradientes de temperatura e salinidade e na acção das marés; a energia térmica dos oceanos, consequência directa da radiação solar incidente; e a energia das ondas, que resulta do efeito do vento na superfície do oceano".

Em suma, Portugal continua também a desperdiçar esse potencial e é por esta razão que o Presidente da República, na sua intervenção durante o Congresso "Portos e Transportes Marítimos", que se realizou em Setembro, em Lisboa, voltou a afirmar que é necessário apostar com novos investimentos no cluster marítimo; "com a incorporação de mais investigação, tecnologia e inovação; com a criação dos necessários factores de organização e de gestão incluindo a formação de recursos humanos adequados".

Para Cavaco Silva, o mar é uma "vantagem comparativa" que Portugal tem em face de outros países, "neste tempo de forte concorrência de economia global".

"É muito difícil não ver imediatamente esse imenso recurso que é o mar, que se estende diante dos nossos olhos, como a zona económica exclusiva que é das maiores de toda a Europa", acrescentou. ■



A única vertente aproveitada no mar português é o lazer